

<b>Diário Notícias</b>	Periodicidade:	<b>Diário</b>	Temática:	<b>Política</b>
	Classe:	<b>Informação Geral</b>	Dimensão:	<b>689 cm<sup>2</sup></b>
	Âmbito:	<b>Nacional</b>	Imagem:	<b>S/PB</b>
	Tiragem:	<b>79040</b>	Página (s):	<b>12</b>

15-01-2007

# Marcelo Rebelo de Sousa RTP

## Classe política nervosa com voos da CIA

Transcrição de excertos do programa 'As Escolhas de Marcelo' conduzido pela jornalista Maria Flor Pedroso e transmitido, no domingo à noite, na RTP1



Rodrigo Cabrita

**O PS chumbou a proposta de comissão parlamentar de inquérito para os voos da CIA, numa altura em que Ana Gomes, eurodeputada socialista, veio considerar que o Governo não está a dar a informação que devia ao Parlamento Europeu. O que lhe parece?**

Ana Gomes tem um estilo muito peculiar. Foi minha aluna, era líder maoísta na altura, e nunca perdeu o toque maoísta que a torna particularmente irritante de quando em vez e sempre com um aspecto persecutório quando intervém. Não se percebe se é contra Barroso, contra Portas, contra o actual Governo. Tem esse estilo. Mas isso não justifica o que já ouvi de um eurodeputado que disse: “Ela nunca teve a nossa confiança política, portanto, não lhe vai ser retirada.” Ora, teve. Ela foi número dois da lista. Não sei como é que alguém é número dois da lista sem ter confiança política. E independentemente de tratar isto com

um estilo irritante e muitas vezes sem o peso próprio do assunto, que é de Estado, há uma coisa que eu estranho: o pouco à-vontade de PS, PSD e CDS quando se fala disso. Parece que a classe política fica nervosa. Têm medo. Paulo Portas quando, no *Independente*, era o primeiro a exigir transparência em tudo, não foi à comissão, e podia lá ter ido repetir o que disse várias vezes. Parece que não querem esclarecer. Mesmo como aconteceu esta semana, surgiram documentos classificados americanos que aparentemente não dizem o mesmo que a versão portuguesa sobre o que se passou. Porque não esclarecer? Nós tínhamos um aliado que estava em guerra, nós estávamos com ele, sabemos que passavam prisioneiros para Guantánamo, não sabemos se tinham culpa formada ou não, sabemos dos aviões que passavam. Porque não dizer isto? Eu não percebo, sobretudo porque se vai saber. É uma ilusão achar que não se

vai saber. A América é o país da democracia e vai haver essa transparência. E pessoas que querem ter carreira política... Barroso quer, Portas quer, os actuais governantes querem. Porque é que não ganham em dizer? Isto não ofende as relações com os Estados Unidos. Nem põe em causa tudo o que há (se for tratado com dignidade) de secretismo nisto.

É um apuramento. Eu tenho a sensação de que se sentem pouco à vontade de cada vez que isto é levantado. Chuta para canto ou esconde para debaixo do tapete. Mas estão enganados porque vai sair de debaixo do tapete. Seja grave ou não seja grave, vai-se saber.

**Falemos da situação de excepção de Paulo Macedo, o director-geral das Contribuições e Impostos, que recebe um salário pelo qual foi contratado ao abrigo da lei, mas que agora vê o Governo fazer outra lei para que não possa haver nenhum funcionário público a**



<b>Diário Notícias</b>  15-01-2007	Periodicidade:	<b>Diario</b>	Temática:	<b>Política</b>
	Classe:	<b>Informação Geral</b>	Dimensão:	<b>689 cm<sup>2</sup></b>
	Âmbito:	<b>Nacional</b>	Imagem:	<b>S/PB</b>
	Tiragem:	<b>79040</b>	Página (s):	<b>12</b>

## Estranho o pouco à-vontade do PS, CDS e PSD quando se fala em voos da CIA

### Paulo Portas, no 'Independente', era o primeiro a exigir transparência em tudo

#### receber mais que o primeiro-ministro. Se estivesse no lugar de Paulo Macedo, o que faria?

Eu vejo um coro de vozes segundo as quais o homem é insubstituível, fez um papel único, é maravilhoso, “vamos lá ver como é que ficamos com ele, porque director-geral como ele não há e as contribuições e os impostos são cruciais para o País e temos de arranjar uma maneira”. E o próprio Governo anda à procura dessa maneira. Aparentemente, é uma lei que preveja que ele não ganhe mais do que o primeiro-ministro, mas possa ter prémios (ele e outros) até três ou quatro vezes o salário do primeiro-ministro. Eu estrago a festa: reconheço que ele é competente, que fez o papel, mas está por demonstrar que só ele o faria, que os antecessores tiveram as mesmas con-

dições que ele. Estes governos tomaram medidas de levantamento de sigilo bancário, de cruzamento de informações, de publicação de listas, que facilitaram a tarefa... e sobretudo está por demonstrar que o director-geral das Contribuições e Impostos é o cargo mais importante da administração pública portuguesa.

E que não seja tão ou mais importante quem gere a saúde, a educação ou a segurança. Preocupa-me uma coisa: há um reconhecimento implícito de que a administração pública não consegue captar os melhores. Porque não está em condições de lhes pagar o que lhes paga o privado, para as tais funções altamente especializadas. Tem de se pensar seriamente na reforma da administração pública. Está tudo tão aflito porque

não há, em 700 mil funcionários, uma pessoa competente para substituir Paulo Macedo. Aparentemente, não há. E perdeu-se a mística do serviço público. Antigamente, quem ia para lá sabia que ia sacrificar-se, ia ganhar menos. Como quem vai para funções governamentais e não é da carreira política e tem uma exposição maior que um director-geral... Porquê? Porque há a noção do serviço público. Parece que isso já não é relevante hoje. Portanto, penso que a solução a que se tem de chegar é geral, não só para Paulo Macedo. Tem de se repensar a capacidade de atracção da administração pública aos melhores para cargos especializados. |

#### Saúde de Luís Amado

Vieram notícias a lume segundo as

quais Luís Amado, tal como já teria tido um problema cardíaco antes de ser membro do Governo, teve outro agora, o que o teria impedido de ir à Índia com o Presidente. Por um lado, desejo as melhoras; por outro lado, espero que o primeiro-ministro vá monitorizando o seu estado de saúde. Um treinador, quando vai para um jogo decisivo, leva a equipa que está em melhores condições físicas e anímicas. Nós temos um jogo decisivo, que é a presidência da União Europeia, e eu espero que o primeiro-ministro verifique se o ministro dos Negócios Estrangeiros, na altura devida, está nas melhores condições para essa presidência. Porque, neste caso, a saúde de um governante é uma matéria pública.

<b>Diário Notícias</b>  15-01-2007	Periodicidade:	<b>Diario</b>	Temática:	<b>Política</b>
	Classe:	<b>Informação Geral</b>	Dimensão:	<b>689 cm<sup>2</sup></b>
	Âmbito:	<b>Nacional</b>	Imagem:	<b>S/PB</b>
	Tiragem:	<b>79040</b>	Página (s):	<b>12</b>

## MARCELO AO DN

### **Exige-se mais competência para se ser director-geral dos Impostos do que para se ser ministro das Finanças? Está tudo errado!**

#### **O que justifica, afinal, o medo dos governantes relativamente aos voos da CIA?**

Tenho dificuldade em perceber, porque quem não deve não teme. A única razão para os três partidos com responsabilidades nos últimos governos chutarem sempre esta questão para canto é não terem assumido tudo aquilo que sabiam. Podiam ter dito que, sendo de um país aliado, passaram aviões com prisioneiros, mas não se sabia se tinham ou não culpa formada, se havia ou não violação dos direitos humanos. Esta situação é que não consigo entender.

#### **Outro assunto que também diz não compreender é a situação de excepção em torno do director-geral dos Impostos.**

No caso de quererem alterar o regime remuneratório de Paulo Macedo, então tem de se repensar toda a administração pública. A solução que este Governo pretende encontrar, com uns prémios, reconheço que é mais imaginativa do que a do seu antecessor, mas levanta problemas. Não se pode resolver o problema a pensar numa pessoa; é preciso pensar onde é que se exigem condições remuneratórias especiais. Será para directores-gerais, inspectores-gerais, presidentes de institutos? Não há-de ser um absurdo pagar fortunas ao director-geral dos Impostos e não o fazer a quem tem a responsabilidade de gerir a segurança, a saúde, a educação? Além do complexo da classe política, que é o medo de se pagar a si mesma. Então, exige-se mais competência para o cargo de director-geral dos Impostos do que para se ser ministro da Economia ou ministro das Finanças? Ora isso seria aceitar o princípio da incompetência dos governantes que lá estão. Está tudo errado!

#### **Os políticos têm medo de assumir que a democracia tem um preço?**

Têm. Há um complexo miserabilista, um trauma que vem do tempo da ditadura. Parte-se do princípio de que as pessoas não gostam de saber que os políticos podem ser bem pagos. Era preferível ter menos políticos, mas mais bem pagos, do que termos muitos e mal pagos. **IFM**